REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro

Em Cartaz | Jornal do Teatro | Antonio Fagundes | Renata Sorrah |
Ernesto Piccolo | Mário Bortolotto | Peças Infantis | Depois do Teatro

Ângela Vieira e Guilherme Leme Garcia

Santa

ANO X Nº 109 EXEMPLAR GRATUITO

A Secretaria de Estado de Cultura vem trabalhando desde 2008 para difundir, estimular e fortalecer a cultura do Rio de Janeiro, criando mecanismos de fomento e políticas para o setor, em todas suas vertentes, buscando contemplar todos, desde as manifestações mais tradicionais até aquelas experimentais no campo da arte e cultura.

Entre os projetos patrocinados pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Rio de Janeiro está a revista Aplauso, um fórum importante para o debate e a divulgação do teatro em nosso estado.

Através de patrocínios como esse, a Secretaria de Estado de Cultura promove a criação artística e a integração cultural.

Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro.

GOVERNO DO Rio de Janeiro

SOMANDO FORÇAS

SECRETARIA DE CULTURA

LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA

Não tem nada igual

"O teatro é do bem. O teatro é vida, é alegria. Nunca vai existir nada melhor do que o teatro. É a melhor forma de comunicação de todos os tempos – se não fosse, não existiria há dois mil anos.

Eu acho que nem toda essa tecnologia virtual vai algum dia conseguir acabar com ele. Ser atriz é um privilégio para mim. Poder compartilhar com outras pessoas todas as minhas dúvidas e alegrias, e contar histórias de gente, é algo que não se compara a nada. Poder contar uma história, se relacionar com uma pessoa diretamente, ali no palco, na base do "eu te conto uma história olho no olho, toco diretamente você com as minhas palavras"... não tem nada igual.

No entanto, o teatro precisa começar a se reinventar para conseguir fazer o público sair de casa e atravessar uma cidade para assistir a uma peça. É preciso formar a sua plateia, e isso tem de ser feito desde a escola. Em São Paulo existe a rede do SESC, que é uma maravilha. Os teatros são bem cuidadíssimos, tudo funciona. Os espetáculos são maravilhosos, é a cultura fervilhando ali. O Rio, nesse sentido, ainda está atrás. Nos últimos anos, a cidade perdeu várias salas de teatro – e outras não apareceram. O público diminuiu. Mas os trabalhos estão acontecendo. Tem uma nova geração maravilhosa, que está fazendo muita coisa boa. Temos novos dramaturgos excelentes, peças de qualidade, é uma geração de talento!"

Renata Sorrah:
"o teatro precisa começar a se reinventar"

Novo teatro

O Rio vai ganhar mais uma casa de espetáculos. Frederico Reder, dono dos teatros Net, inaugurará sua nova casa em outubro, no Bangu Shopping, com capacidade para 300 pessoas. É lá que irá estrear o musical *Ou Tudo ou Nada*, adaptação de Arthur Xexéo para *Full Monty*, sucesso na Broadway durante dois anos e visto por mais de 700 mil pessoas.

A vida de Beth

Em agosto, o Teatro Maison de France deverá receber o musical *Andança*, que homenageará Beth Carvalho. Três atrizes representarão a cantora: Jamilly Mariano (criança), Stephanie Serrat (jovem) e Eduarda Fadini (adulta). A jovem cantora Waleska Rodrigues, do Galpão Aplauso, interpretará Clementina de Jesus. A direção musical é de Rildo Hora.

Homenagem

O grupo Nós do Morro celebra o aniversário de 450 anos de William Shakespeare, completados em 2014, com montagens, filmes, leituras e shows. Anote as peças: *Romeu e Julieta, Era uma Vez a Tempestade – Um Shakespeare para Todas as Idades* e *Domando a Megera*. A programação vai até 15 de agosto. O bardo mais do que merece!

Minorias

O teatro Glauce Rocha será ocupado, nos próximos três meses, pelo projeto Grandes Minorias, com debates sobre preconceitos e espetáculos inéditos, inclusive infantis. De 30 de julho a 16 de agosto, será a vez de a Vil Cia se apresentar, com *Hipnose, uma Tragicomédia Carioca*. Endereço: Rua da Imprensa, 16, Centro. Tel.: 2220-0259.

www.aplauso.art.br

Aplauso é uma publicação mensal da Editora Sociedade Cultural Itaipava. Redação, administração, publicidade e correspondência: Rua General Luís Mendes de Morais, 50, Santo Cristo. Telefone: (21) 98283-0000. E-mail: comunicacao@aplauso.art.br. Diretora executiva: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Ester Lima (reportagens), Sandra Fernandes, Claudia Esquerdo, Marcelo Garcia, Walkyria Garotti (projeto gráfico e edição de arte). Edição e jornalista responsável: Catarina Arimatéia - Mtb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: 3.000 exemplares. Impressão: Grafitto. Capa: Pedro Damásio/Divulgação.

Patrocinadores

Light

Governo do Rio de Janeiro

SOMANDO FORÇAS

SECRETARIA DE CULTURA

LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA

Realização

GALPÃO APLAUSO

Ação e reação

Eu amo a minha profissão! Ela sempre me surpreende! Já acertei, errei, fiz sucessos, fracassos... Venho aprendendo ininterruptamente ao longo desses 41 anos dedicados ao teatro e aos olhos dos que o apreciam. Este mês, estreei mais um espetáculo *#broncadequê?* São cinco atores, todos diferentes, mas um com síndrome de Down, Pedro Baião. Ele já havia sido meu aluno no Tablado, filho da minha prima e muito amado pela família.

Há algum tempo venho querendo voltar a fazer um trabalho para os jovens. Theo Nogueira, um jovem ator, me procurou pedindo trabalho. Tinha nos olhos uma alegria e uma vontade contagiante, que me fez ligar para o meu velho parceiro Rogerio Blat pedindo um texto. Theo, na hora, se lembrou do Pedro. Rogério amou a ideia e Pedro mais ainda! Como diretor, "obriguei": aulas de voz, dança, o Tablado (ele não vai parar nunca), decorar o texto e uma dieta.

Quando começamos o ensaio para valer, Pedro era o único que tinha decorado tudo. Escrevia todas as marcas e mudanças no texto. Um profissional da melhor categoria. Nossa convivência nos fez perceber quanta bobagem existe nos conceitos, pré-conceitos, nomenclaturas... Perdemos muito tempo classificando. Tudo é mais simples. Colocar-se no lugar do outro, a ação e a reação, um olhar de aprovação, um gesto de carinho, demonstração de amor... o amor!

Sentir-se amado dá força, estimula e dá coragem! E a luta é árdua!

FOTO: DIVULGAÇÃO

Ernesto Piccolo

Santa

Com Ângela Vieira e Guilherme Leme Garcia, o espetáculo conta a história de uma mulher e suas lembranças

FOTOS: DARIO JR. / DIVULGAÇÃO

Em cartaz no Teatro Tom Jobim, *Santa* é o reencontro de dois amigos e um encontro de gerações. Depois de terem feito *O Matador de Santas*, texto de Jô Bilac, em 2011, Ângela Vieira e Guilherme Leme Garcia resolveram encarar um novo desafio e fazer uma peça que os tirasse da zona de conforto – um espetáculo que usasse a palavra e o corpo, com a experiência de 33 anos de balé profissional de Ângela.

Nos bastidores, a nova geração do teatro carioca: Diogo Liberano no texto, co-direção de Gunnar Borges e direção de movimento e coreografia de Luar Maria. Um trabalho de construção conjunta. "Os jovens estão nos encantando, trazendo uma visão superfresca, e o processo criativo conjunto foi excelente", diz a atriz, para quem o trabalho de Guilherme como diretor já tem uma marca impressa. "Na verdade, ele seria apenas o diretor, mas durante o processo de criação decidimos que seríamos um casal".

Dança em destaque

A solidão é o tema de *Santa*. Uma mulher numa casa vazia e suas lembranças, ou a história de um casal que se encontrou, se desencontrou e se reencontrou. No entanto, a solidão dessa mulher não significa dor nem tristeza, tampouco abandono, e sim a liberdade de agir livremente.

Santa é a mulher dona de seus próprios desejos, que quer conhecer pessoas, ter outros amores, se reinventar. O texto diz que a palavra "santa" remete à ideia de mulher imaculada, que se absteve de seus desejos em troca de outros propósitos. Na peça, esse espaço sacro é justamente onde essa mulher não quer se colocar. "Fui embora por que precisava me encontrar", diz o texto.

E foi partindo da premissa dessa mulher e da ideia de que a dança deveria estar no espetáculo, que o texto e a coreografia foram criados, explica a cenógrafa Luar Maria. "O Guilherme mudava o texto toda vez que ia ao ensaio e assistia ao solo de balé da Ângela", conta. A peça foi montada nesse processo colaborativo, em que cenário, luz, corpo e palavra são uma coisa só. "Fomos cortando, colando, combinando e recombinando até chegar ao roteiro que contemplasse os nossos desejos. Partimos do zero e levantamos todas as hipóteses sem nos preocupar, em princípio, com o que estava sendo feito", diz Gunnar, co-diretor.

Inversão

Para Ângela Vieira, que nunca tinha trabalhado corpo e palavra num mesmo espetáculo, o resultado é uma performance que usa o movimento corporal para falar além da palavra, em um cenário não realista, no qual Guilherme Leme inverteu a disposição tradicional do teatro: onde era o palco, está a plateia, onde era a plateia, estão os atores. Uma experiência inusitada.

Nunca às sextas

Para o público acostumado a ir ao teatro nas noites de sexta-feira, pode ser uma frustação não conseguir assistir *Santa* nesse dia. Mas há um bom motivo: Ângela Vieira está fazendo a novela da Rede Globo *I Love Paraisópolis*. As gravações são no Projac, em Jacarepaguá, e o teatro Tom Jobim é no Jardim Botânico. Dois lugares incompatíveis quando se precisa sair de um e chegar ao outro com hora marcada. "Pode-se demorar três ou seis horas nesse trajeto, principalmente às sextas-feiras. Por isso, optei por não fazer espetáculo nesse dia, para eu ter tranquilidade. É um trabalho em que preciso chegar mais adiantada do que o normal, para fazer o aquecimento do corpo. Então, preferi encenar a peça só aos sábados e domingos, com tranquilidade. Não quero passar aperto", diz a atriz, que mais adiante pretende levar o espetáculo para São Paulo.

Killer Joe

Violento, o texto de Tracy Letts, um dos mais importantes dramaturgos norte-americanos, está em cartaz no Teatro Poeira

O texto é forte. A história, impactante. Perseguido por traficantes, um jovem no Texas, Estados Unidos, planeja matar a própria mãe para ficar com o dinheiro do seguro. Com a ajuda do pai e da madrasta, ele contrata um policial – nas horas vagas, um matador profissional –, o Joe Cooper, ou Killer Joe, que dá nome à peça em cartaz no teatro Poeira, depois de um ano de sucesso em São Paulo.

Escrito pelo norte-americano Tracy Letts, encenado na Broadway e em outros 15 países e adaptado para o cinema em 2011, com o ator Matthew McConaughey como protagonista, *Killer Joe* chegou ao Brasil pelas mãos do ator Henrique Figueiroa, o Carcarah, que vive o personagem-matador. A direção é de Mário Bortolotto. O elenco conta, também, com Fernão Lacerda (Ansel, o pai), Gabriel Pinheiro, (Chris Smith, o filho), Ana Hartmann (Dottie, a filha) e Aline Abovsky (Sharla, a madrasta), todos do grupo Cemitério de Automóveis, de São Paulo.

Barra pesada

Mário Bortolloto assume a violência da peça, mas diz que o tema tem relação com o trabalho que faz o Cemitério de Automóveis. "Nós nos identificamos muito com o texto. A família é toda barra pesada, ninguém presta. É mais impactante porque é teatro, está tudo ali, na frente, mas o público gosta, é o grande barato. E não tem nada que um filme que passe na sessão da tarde não mostre", afirma.

O espetáculo acontece dentro de um *trailer*, que Mariko e Seiji Ogawa reproduziram no cenário. Bortolotto foi fiel ao texto de Letts. Até mesmo a televisão, foco de atenção do pai da família, mostra a programação da época em que a peça foi encenada pela primeira vez, em 1993.

Em São Paulo, Killer Joe foi apresentado no espaço do Cemitério dos Automóveis, onde ficou por quase um ano. "Pensamos numa temporada de dois meses, mas o sucesso foi tanto que acabamos ficando 10 meses mais", fala Bortolotto, que espera agradar também ao público carioca.

FOTO: LEEKYUNG KIM/DIVULGAÇÃO

Autor premiado

Tracy Letts, 50 anos, é dramaturgo, roteirista e ator, e ficou mais conhecido nos últimos anos ao interpretar o ex-senador e diretor da CIA Andrew Lockhart, na terceira e na quarta temporadas da série *Homeland*. É a única pessoa a ter ganhado um Tony como ato e um Pulitzer, os dois prêmios mais importantes do teatro (o primeiro) e do jornalismo e literatura (o segundo) norte-americanos, com a obra *August: Osage County*.

Além de Killer Joe, escreveu *Man from Nebraska* (finalista do Pulitzer), *Superior Donuts* e uma nova versão para *Three Sisters*, de Tchekhov, entre muitas outras peças. Ganhou, ainda, um Tony por sua atuação na peça *Quem tem medo de Virginia Wolf*, em 2013.E foi ele quem escreveu o roteiro do filme *August: Osage County*, no Brasil, *Álbum de Família*, com Meryl Streep e Julia Roberts. Letts é casado com Carrie Coon, também indicada para um prêmio Tony. Os dois se casaram em um quarto de hospital, um dia antes de ele sofrer uma cirurgia de emergência para retirada da vesícula.

Tribos

Antonio Fagundes e o filho Bruno, que interpreta um deficiente auditivo, dividem o palco do Teatro SESC Ginástico

Encerrada a peça, os atores de *Tribos* trocam de roupa rapidamente e voltam ao palco para conversar com o público. Dessas conversas, percebe-se que, tirando do drama o deficiente auditivo e colocando em seu lugar outra minoria, a estratégia da peça é a mesma. Ou seja, ao retratar uma família na qual um dos filhos é surdo, o texto da inglesa Nina Raine está falando da surdez do mundo, do preconceito. A dramaturga utiliza a figura de um deficiente auditivo para questionar as limitações dos homens e, de maneira politicamente incorreta, mostrar as dificuldades da convivência e da comunicação em questões familiares.

Para Antonio Fagundes, que interpreta o pai da família, Christopher, o espetáculo não apenas é abrangente no que diz respeito à temática, como também universal. "A peça está sendo montada na Islândia, no Japão, em muitos outros lugares. Estivemos em sete cidades de Portugal, com mais de 50 mil espectadores. No Brasil, passamos por 26 cidades", diz o ator.

Metáforas

Tribos conta a história de uma família que tem um filho surdo de nascença – Billy, representado por Bruno Fagundes – e o mantém dentro de um casulo. Ele se adapta à maneira como é tratado e só começa a entender seu papel quando conhece Sylvia, jovem prestes a ficar surda, que lhe ensina a linguagem dos sinais. A mãe Beth (Eliete Cigaarini) e os irmãos Daniel (Guilherme Magon) e Ruth (Maíra Dvorek) completam a família. A direção é de Ulisses Cruz.

Bruno Fagundes, que divide o palco pela segunda vez com seu pai, diz que a peça faz as metáforas da surdez. "O que é ser surdo, afinal? Claro que não estamos falando daqueles que são incapazes de ouvir, que são vítimas de sua condição física, e sim dos que ouvem e decidem não escutar os outros só porque é uma realidade diferente da sua própria".

Sessão para deficientes auditivos e visuais

No dia 25 de julho, sábado, *Tribos* terá sessão às 19 horas com acessibilidade para deficientes auditivos e visuais. Haverá intérprete de Libras (Mirian Caxilé), com ferramentas fornecidas pela empresa Steno do Brasil, além de legendas em **tablets** para deficientes auditivos e áudiodescrição para deficientes visuais. A peça fica em cartaz até 26 de julho.

E é justamente essa questão que a peça joga no ar. Ao longo do espetáculo, percebe-se que o deficiente auditivo é o que mais escuta, porque ele não escuta com os ouvidos: ouve com os olhos, com o coração, com a disponibilidade e a honestidade. Ao final, a pergunta: qual é o tipo de surdez mais grave, a que faz mais mal às pessoas?

Sucesso

Foi Bruno quem trouxe o texto de Nina Raine para o Brasil, depois de assistir a peça em Nova York, em 2013, e ficar obcecado pela possibilidade do bom teatro que o texto oferece. "Decidi que queria fazer a qualquer custo. Meu pai é meu sócio, investimos dinheiro do próprio bolso, fizemos a cooperativa e, menos de um ano depois, estreamos em São Paulo. Estou feliz, porque o projeto deu certo. Escolher um texto de teatro é um tiro no escuro. De repente vi que a equipe que a gente reuniu, o diretor que escolhi e o texto tem emocionado muitas pessoas, a ponto de estarmos há dois anos em cartaz, com quase 200 mil espectadores"

Os altos custos no Rio

Encenar *Tribos*, no Rio de Janeiro, é consequência da persistência de Antonio e Bruno Fagundes. Como não ter patrocínio faz parte da filosofia de trabalho deles, formaram uma cooperativa de 24 pessoas, incluindo todo o pessoal de criação, e nesses dois anos em que a peça está nos palcos fizeram um fundo de caixa para encená-la na cidade. É Antonio Fagundes quem explica e bota a boca no trombone para desabafar sobre o alto custo das produções na cidade. "Não sei como o produtor carioca consegue montar espetáculos. O Rio é muito caro, a começar pelos teatros, que cobram fortunas pelo aluguel. E estou falando no produtor daqui, na sua sede. Imagina no que isso implica em uma produção de 15 pessoas, no transporte de cenário, na estadia, na alimentação, na montagem e desmontagem de cenário. E a luz é por fora, não tem equipe para ajudar – e ainda há os 50% no preço dos ingressos. Queríamos muito vir ao Rio porque o público é especial, mas demoramos mais de um ano. O dinheiro dessa produção foi arrecadado durante a nossa turnê. Vivemos de bilheteria, não temos patrocínio, e o teatro para mim não é um hobby, ele paga as minhas contas", desabafa o ator.

Pai e filho em cena

Antonio e Bruno Fagundes estão juntos no palco pela segunda vez. A primeira foi na peça *Vermelho*, que ficou quase 11 meses em cartaz em São Paulo e fez também uma pequena temporada no Rio, no mesmo SESC Ginástico.

Ser pai e filho, no entanto, não interfere na relação profissional quando estão atuando. "Somos profissionais e a arte é democrática", diz Antonio. "Quando se entra no palco, tudo é exorcizado", acrescenta.

Para o filho, trabalhar com o pai tem sido maravilhoso. "É uma pessoa que sempre respeitei, acompanhei e admirei. E, agora, poder dividir o trabalho com a mesma paixão e a mesma responsabilidade e importância é ótimo. Não é uma relação hierárquica. Além disso, é uma certificação muito legal de que o meu trabalho está sendo levado a serio".

Quando está no palco, Bruno diz ser impossível lembrar que está diante do pai, pois o palco é como se fosse um escritório de trabalho. "Encaramos o trabalho com muita seriedade. Apesar de nossa relação ser muito harmônica, no palco somos profissionais".

Para Antonio, esses dois anos de estrada com *Tribos* foram de crescimento pessoal e de grupo. "Acrescentamos muito uns aos outros. Não só eu e o Bruno, mas o elenco todo. Criamos uma família.

E a peça evoluiu em profundidade e no relacionamento e ligação com a plateia".

FOTOS: JOÃO CALDAS / DIVULGAÇÃO

Marco Nanini em *Beije Minha Lápide*, no Teatro Oi Casa Grande

em cartaz

A ANTESSALA – NA VALSA DO TEMPO

Texto de Ana Bez, direção de Ernesto Piccolo. Com Joana Fomm, Samara Filippo, Mariana Molina e elenco. Mulheres trocam impressões sobre família e trabalho numa sala de espera. Com Joana Fomm, Samara Filippo, Mariana Molina, Dora Pellegrino, Carolina Stofella.

ⓘ **Teatro Café Pequeno.** Avenida Ataulfo de Paiva, 269. Tel. 2294-4480. Sexta a domingo, 20h. R$ 40. 60 min.

A IMPORTÂNCIA DE SER PERFEITO

O texto é de Oscar Wilde, com direção de Daniel Herz. José Dourado usa identidade dupla para poder se divertir sem comprometer sua imagem de rico herdeiro e acionista de telecomunicações. Seu melhor amigo se vale disso para invadir a fazenda de José e conhecer sua sobrinha de consideração. Texto de Oscar Wilde, direção de Daniel Herz. Com George Sauma, João Pedro Zappa e elenco.

ⓘ **Teatro Miguel Falabella.** Avenida Dom Hélder Câmara, 5474. Tel.: 2597-4452. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30. 100 min.

A VISITA DA VELHA SENHORA

Claire Zahanasian engravida de seu namorado aos 17anos e é expulsa de sua cidade. Torna-se prostituta, mas se casa com um arquimilionário, que a deixa como única herdeira. Ela volta à sua cidade natal em busca de justiça. De Friedrich Dürrenmatt. Tradução de Mario da Silva. Direção e Adaptação de Sílvia Monte. No elenco, Maria Adélia, Marcos Ácher, Rogério Freitas.

ⓘ **Centro Cultural do Poder Judiciário,** antigo Palácio da Justiça, Sala Multiuso. Rua Dom Manuel, 29, Centro. Tel. 3133-3366. De segunda a quarta, 19h. Entrada franca, senhas meia hora antes do espetáculo. 120 min., com intervalo.

BE CAREFUL IT'S MY HEART – COM CANÇÕES DE IRVING BERLIN

Acompanhados de um pianista, os atores fazem um passeio pelas canções de Irving Berlin, interpretadas sem falas, apenas através das músicas. Roteiro e direção de Darwin del Fabro. Com Laura Lobo e Darwin Del Fabro.

ⓘ **Teatro Maria Clara Machado.** Avenida Padre Leonel Franca, 240. Tel.: 2274-7722. De sexta a domingo, 20h. R$ 50. 50 min.

BEIJA-ME COMO NOS LIVROS

As traições de dois casais contemporâneos alternam-se com cenas famosas de *Tristão e Isolda*, *Romeu e Julieta*, *Dom Juan* e *Werther*. Direção e dramaturgia de Ivan Sugahara. Com Ângela Câmara, Claudia Mele, José Karini e Julio Adrião.

ⓘ **CCBB.** Rua Primeiro de Março, 66. Tel.: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10. 90 min.

BEIJE MINHA LÁPIDE

Texto de Jô Bilac, com direção de Bel Garcia. Biografia do escritor irlandês Oscar Wilde, que passou parte do fim de sua vida preso por "cometer atos imorais com rapazes". Marco Nanini é Bala, um fã de Wilde preso após quebrar a parede de vidro que protege o túmulo do escritor, em um cemitério de Paris. Com Marco Nanini, Paulo Verlings e elenco.

ⓘ **Teatro Oi Casa Grande.** Rua Afrânio de Melo Franco, 290. Tel.: 2511-0800. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$ 80 (balcão) e R$ 100 (plateia). 80 min. A partir do dia 24 de julho.

#BRONCADEQUÊ?

Quatro amigos inseparáveis conhecem Guilherme, portador de Síndrome de Down, em uma passeata pela "Liberdade Down", convocada pela internet por um anônimo. Texto de Rogério Blat e Ernesto Piccolo. Com Pedro Baião, Lorena Comparato, Renato Goes e elenco.

ⓘ **Teatro das Artes.** Shopping da Gávea. Rua Marquês de São Vicente, 52. Tel.: 2540-6004. Sexta e sábado, 19h. Domingo, 18h. R$ 60

CARMEN, DE CERVANTES

A personagem do francês Prosper Merinée pede a Miguel de Cervantes para reescrever sua história. Texto de Fabio Espírito Santo e Marcos Arzua. Com Ana Paula Bouzas, Andreza Bittencourt, Samir Murad e Ciro Sales.

ⓘ **SESC Tijuca.** Rua Barão de Mesquita, 539. Tel.: 3238-2139. Sexta a domingo, 20h. R$20. 70 min.

DESATINADO

Ator faz a improvisação de uma peça depois de ter sido abandonado pela produção. Texto de Antonio Bivar e direção de Stella Miranda. Com Luiz Salem.

ⓘ **Teatro Candido Mendes.** Rua Joana Angélica, 63. Tel.: 2523-3663. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$50. 70 min.

2500 POR HORA

Cinco atores contam a história de 2500 anos de teatro. Texto de Jacques Livchine e Hervée Lafond. Adaptação de Monica Biel. Moacir Chaves assina a direção. Com Claudio Gabriel, Henrique Juliano, Julia, Mariani e elenco.

ⓘ **Oi Futuro Flamengo.** Rua Dois de dezembro, 63. Tel.: 3131-3060. Quinta a domingo, 20h. R$ 20. 80 min.

100 ANOS DE FRANK SINATRA

Texto e direção de Sidnei Domingues. Com Sidnei Domingues, Luiz Cesar, Pedro Calheiros e elenco.

ⓘ **Teatro Vanucci.** Rua Marquês de São Vicente, 52. Tel.: 2274-7246. Sexta, 19h. R$ 60. 70 min.

DEU BRANCO

Raphael Ghanem, Vitor Lamoglia e Lucas Salles fazem jogos de improviso interagindo com a plateia. Texto e direção do Grupo Deu Branco.

ⓘ **Teatro das Artes.** Rua Marquês de São Vicente, 52. Tel.: 2540-6004. Terças, 21h. R$ 40. 65 min.

DOIDAS E SANTAS

Psicanalista vive uma crise, apesar de estar no auge da carreira. Texto de Regianna Antonini baseado em obra de Martha Medeiros. Direção de Ernesto Piccolo. Com Cissa Guimarães, Oscar Magrini e Josie Antello.

ⓘ **Imperator.** Rua Dias da Cruz, 170. Tel.: 2596 1090. Sexta e Sábado, 21h. Domingo, às 19h30. Sexta, R$40. Sábado e domingo, R$40 (balcão) e R$50 (plateia). 95 min.

DOMANDO A MEGERA

Um aventureiro decide se casar com uma megera que vive com o pai e a irmã mais nova. Da Cia. Nós do Morro. Texto de William Shakespeare, tradução e adaptação de Luís Paulo Corrêa e Castro. Fernando Mello da Costa assina a direção.

ⓘ **Espaço Sérgio Porto.** Rua Humaitá, 163. De quinta a domingo, 20h. R$ 20. 90 min.

ENSINA-ME A VIVER

Adaptação do filme de mesmo nome, conta a história de amor entre uma idosa e um adolescente. Texto de Collin Higgins. Direção e adaptação de João Falcão. Com Gloria Menezes, Arlindo Lopes e elenco.

ⓘ **Teatro Bradesco.** Shopping Village Mall. Avenida das Américas, 3.900. Sábados, 21h. Domingo, 20h. Plateia baixa, R$ 120. Plateia alta, R$ 100. Balcão nobre, R$60. Frisas, R$ 50. Camarotes, R$ 80. 110 min.

ESTAMOS INDO EMBORA

Discute a ação do homem sobre o clima no planeta. Texto e direção de Luiz Felipe Reis. Com Julia Lund e Marcio Machado.

ⓘ **Espaço SESC** (mezanino). Rua Domingos Ferreira, 160. Tel.: 2548-1088. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. 80 min.

FOI VOCÊ QUEM PEDIU PARA EU CONTAR A MINHA HISTÓRIA

Quatro meninas brincam de inventar histórias, à primeira vista inocentes, mas ao mesmo tempo cruéis, bem humoradas e muito lúcidas. Texto de Sandrine Roche, com adaptação de Thereza Falcão. Direção de Guilherme Piva. Com Fernanda Vasconcellos, Bianca Castanho, Karla Tenório e Talita Castro.

ⓘ **Teatro Leblon.** Rua Conde Bernadotte, 26. Tel.: 2529-7700. Quarta e quinta, 21h. R$ 60. 70 min.

GODSPELL

As parábolas do Evangelho de São Matheus levam mensagens bíblicas por meio de um jogo de comédia e poesia. Direção de João Fonseca.

ⓘ **Teatro Ipanema.** Rua Prudente de Morais, 824. Tel.: 2267-375. Quarta, 20h. Entrada: 1 kg de alimento não perecível. Senhas distribuídas 2 horas antes do espetáculo.

HORÁCIO

Interpretado por três atores, o personagem vive drama existencial durante um diálogo absurdo em seu próprio velório. Texto de Edmundo de Novaes. Com Leonardo Fernandes, Alexandre Mofati e Geraldo Peninha.

ⓘ **Teatro Poeirinha.** Rua São João Batista, 104, Botafogo. Tel.: 2537-8053. Quarta a sexta, 21h. Sábado, 19h e 21h. Domingo, 17h e 19h. R$50. 50 min.

IVON CURI

O espetáculo repassa a trajetória artística e pessoal de Ivon Curi, que entre as décadas de 1940 e 1990 foi um dos mais importantes nomes da cultura nacional. Texto de Pedro Murad, direção de Lucio Mauro Filho e Danilo Watanabe. Com Fernando Ceylão e Leonardo Wagner.

ⓘ **Centro Cultural dos Correios.** Rua Visconde de Itaboraí, 20. Tel.: 2253-1580. Quinta a domingo, 19h. R$ 20. 75 min.

KILLER JOE

Perseguido por traficantes, um jovem elabora um plano para salvar a própria pele, matando a própria mãe com a ajuda do pai e da madrasta. Do Grupo Cemitério de Automóveis. Texto de Tracy Letts, com direção de Mario Bortolotto.

ⓘ **Teatro Poeira.** Rua S. João Batista, 104. Tel.: 2537-8053. Terça e quarta, 21h. R$ 50. 90 min.

LAIO E CRÍSIPO

Texto de Pedro Kosovski e direção de Marcos André Nunes. Com Erom Cordeiro, Ravel Andrade e Carolina Ferman. Para especialistas, a lenda de Laio e Crísipo teria sido a primeira a abordar o homossexualismo na mitologia grega.

ⓘ **Espaço SESC** (mezanino). Rua Domingos Ferreira, 160. Tel.: 2547-0156. Quinta a sábado, 21h. Domingos, 20h. R$ 20 (inteira), R$ 5 (associados do SESC) e R$ 10 (jovens de até 21 anos, maiores de 60 anos, estudantes e classe artística). 80 min.

MARIA DO CARITÓ

Prometida por seu pai a São Djalminha, e ainda virgem aos 50 anos, Maria do Caritó faz promessas a Santo Antônio para burlar a promessa do pai e conseguir um marido. Texto de Newton Moreno. Direção de João Fonseca. Com Lilia Cabral, Eduardo Reyes, Fernando Neves e elenco.

ⓘ **Theatro NET.** Rua Siqueira Campos, 143. Tel.: 2547-8060. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. Sexta: R$100 (plateia e frisas), R$50 (balcão). Sábado e domingo, R$150 (plateia); R$100 (balcão 01), R$50 (balcão 02).

MEU PASSADO NÃO ME CONDENA

Stand- up Com Fernanda Souza. Texto de Fernanda Souza e Leo Fuchs. Direção de Pedro Vasconcelos.

Teatro Fashion Mall. Estrada da Gávea, 899. Tel.: 2422-9800. Sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 80. 70 min.

NEURÓTICA

Flavia Reis se divide entre 11 mulheres e coloca uma lente de aumento nas figuras tipicamente neuróticas do dia a dia. Texto de Flavia Reis. Direção de Marcio Trigo. Com Flavia Reis e Henrique Tavares.

Teatro Carlos Gomes. Quinta, sexta e sábado, 19h30. Domingo, 19h. R$ 20. 70 min.

PALAVRA DE MULHER

A evolução feminina através dos tempos é levada ao palco numa sensível encenação que transita entre o humor e o drama. Texto e direção de Oscar Calixto.Com Julli Roldão, Luciana Pacheco e elenco.

Teatro Cândido Mendes. Rua Joana Angélica, 63.Tel.: 2523-3663. Terça e quarta, 21h. R$ 40. 75 min.

PASSANDO BATOM

Sucesso em 1984, conta histórias de uma artista que tem paixão por batons. Texto de Ney Latorraca e Jane Di Castro. Direção e roteiro musical de Guilherme Lara. Com Jane Di Castro. Ney Latorraca assina a direção geral.

Sala Baden Powell. Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 360. Tel.: 2255-1067. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 18h30. R$ 40.

POLITICAMENTE INCORRETOS

A fatídica derrota do Brasil na última Copa "desloca o eixo da Terra", fazendo com que situações impensáveis aconteçam. Com Ana Velloso, Cristiana Pompeo e elenco. Texto de Ana Velloso, com direção de Sergio Módena.

Espaço SESC. Rua Domingos Ferreira, 160. Tel.: 2547-0156. De quinta a sábado, 20h30. Domingo, 19h. R$ 20. 75 min.

PULANDO A CERCA

Um casal de amantes é surpreendido por uma dupla de assaltantes dentro de casa, que exige a presença do marido e provoca uma série de confusões. Texto de Mauricio Silveira, com direção de Bemvindo Sequeira. No elenco, Bernardo Mesquita, Mauricio Silveira e Amanda Parisi.

Teatro Vannucci. Shopping da Gávea. Rua Marquês de São Vicente, 52. Tel.: 2274-7246. Terça e quarta, 21h. R$ 60

PULSÕES

Uma bailarina e um maestro se encontram num lugar indeterminado e se unem através da música. Texto: Dib Carneiro. Direção: Kika Freire. Com Fernanda de Freitas e Cadu Favero.

Teatro Poeira. Rua São João Batista, 104. Tel.: 2537-8053. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. 60 min.

SANTA

Uma mulher numa casa vazia e suas lembranças é o ponto de partida para discutir a solidão de agir livremente quando ninguém está nos vendo. Texto: Diego Liberano. Direção: Guilherme Leme Garcia. Com Ângela Vieira e Guilherme Leme Garcia.

Teatro Tom Jobim. Rua Jardim Botânico, 1008. Tel.: 2274-7012. Sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 40.

SELFIE

As relações distorcidas entre as pessoas e o que elas buscam com exposições da imagem. Com Mateus Solano e Miguel Thiré. Direção de Marcos Caruso.

Teatro do Leblon. Rua Conde Bernadotte, 26. Tel.: 2529-7700. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 80 (sexta) e R$ 90 (sábado e domingo). 70 min.

SEXO NEUTRO

Os desafios de um personagem diante de uma experiência radical de mudança de gênero. Texto e Direção de João Cícero Bezerra. Com Cristina Flores e Marcelo Olinto.

CCBB. Rua Primeiro de Março, 66. Tel.: 3808-2000. Quarta a domingo, 19h30. R$ 10.70 min.

SILÊNCIO

Uma família judaica que se reúne em um jantar para comemorar o aniversário de um de seus membros. Com Suzana Faini, Elisa Pinheiro, Verônica Reis, Paula Sandroni, Alexandre Mofati e elenco. Direção de Renata Mizrahi, e Priscila Vidca.

Espaço Furnas Cultural. Rua Real Grandeza, 219. Tel.: 2528-5166.
Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. Entrada franca. Senhas distribuídas a partir das 14 horas, limitadas a uma por pessoa. 80 min. A partir do dia 24 de julho.

TRIBOS

Um jovem surdo, criado pela família dentro de um casulo, quando conhece uma mulher prestes a ficar surda começa a entender o significado de pertencer a algum lugar. Texto de Nina Raine e direção de Ulysses Cruz. Com Antonio Fagundes, Bruno Fagundes e elenco.

Teatro SESC Ginástico. Avenida Graça Aranha, 187, Centro. Tel.: 2279-4027. Quinta a sábado, 19h. Domingo,18h. R$ 20. 80 min.

UM ESTRANHO NO NINHO

Detento simula loucura para fugir dos trabalhos braçais da cadeia e ser internado em uma instituição psiquiátrica, e lá começa a questionar as regras severas impostas pela enfermeira-chefe. Texto: Dale Wasserman. Direção: Bruce Gomlevsky. Com Tatsu Carvalho, Helena Varvaki e elenco.

Teatro Vannucci. Rua Marquês de São Vicente, 52. Tel.: 2274-7246. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$ 90. 130 min.

UM MILHÃO DE ANOS EM UMA HORA

Um passeio pela história em 15 quadros, desde o homem da caverna. Texto de Colin Quin, direção de Claudio Torres Gonzaga. A adaptação é de Marcelo Adnet.

Teatro do Leblon. Rua Conde Bernadotte, 26. Tel.: 2529-7700. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 50 (quinta), R$60 (sexta), R$ 70 (sábado e domingo). 60 min.

#broncadequê?

"A peça, dirigida por Ernesto Piccolo, faz rir do começo ao fim, com elenco jovem formado por Lorena Comparato, Karina Ramil, Renato Goes, Pedro Baião e Theo Nogueira. Além de divertir, o texto de Rogério Blat surpreende e emociona".

Malu Mader, atriz

Antologia do Remorso

"Recomendo muito a peça, que tem a direção de Daniel Belmonte. O espetáculo, de uma forma simples e muito encantadora, conta a história sem precisar de grandes artifícios, apenas de uma boa direção e ótimos atores."

Anita Chaves, atriz

Tribos

"A atuação de Antonio Fagundes, como não poderia deixar de ser, faz bem à alma. É um talento, assim como seu filho Bruno. A história faz o público refletir, e a interação com os atores é enorme."

José Ronaldo Muller, jornalista

Um Estranho no Ninho

"Assisti recentemente a peça e a indico, é um trabalho sério, que merece ser visto. A direção é de Bruce Gomlevsky, com Tatsu Carvalho no papel principal."

Guilherme Leme Garcia, ator e diretor

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Bar Lagoa

Uma ida ao Bar Lagoa, fundado em 1934, é uma viagem através do tempo e da tradição. Os mármores e os garçons, bem menos rabugentos do que o folclore diz, são marcas registradas no restaurante. Assim como a vista para a Lagoa.

O chope, considerado o melhor do Rio, tem seus segredos, entre eles metros de serpentina por onde a bebida passa antes de ir para o copo, sempre coberta de gelo. Outro segredo é a maionese caseira que faz com que a salada de batatas seja inesquecível! Uma ótima companhia para o rosbife, o kassler e o bife à milanesa. Imperdíveis, pode ter certeza!

E se você quiser continuar assistindo a uma "boa cena", peça o *steak tartar*, pois ele é finalizado na mesa com direito a um belo show de quem o estiver preparando. Vale a pedida!

Endereço: Avenida Epitácio Pessoa, nº 1674, Lagoa, Tel.: 2523-1135

Carmen, de Cervantes

O que aconteceria se a personagem de Mèrimée, imortalizada na ópera de Bizet, pedisse para o genial escritor espanhol reescrever a sua história? Confira no Teatro SESC Tijuca!

FOTO: DEBORA 70 / DIVULGAÇÃO

Carmen, personagem criada pelo francês Prosper Mèrimée, em 1845, foi uma linda cigana analfabeta e sensual, que enlouquecia os homens. Sua história, conhecida mundialmente, é narrada da prisão por um de seus amantes – e seu assassino –, horas antes de ser enforcado. Em 1875, a mesma Carmen foi personagem de uma das óperas mais populares do mundo, de Georges Bizet.

Miguel de Cervantes, romancista e dramaturgo espanhol, viveu 300 anos antes de Mèrimée e não tem personagem feminino marcante em sua literatura. Mas na obra de Marcos Arzua, *Carmen, de Cervantes*, a cigana e o escritor se encontram e ela lhe pede que reescreva a sua história. Carmen não quer mais se ver como contrabandista, prostituta. Quer ser dona de seu próprio corpo e aprender a ler e a escrever.

É este o mote da peça *Carmen, de Cervantes*, em cartaz no SESC Tijuca, com direção de Fabio Espirito Santo, que também fez a dramaturgia ao lado de Arzua. No elenco, Ana Paula Bouzas, Andreza Bittencourt, Samir Murad e Ciro Sales.

Versão moderna

Segundo Fabio Espirito Santo, essa nova Carmem é uma mulher que procura ser mais contemporânea, dona de seu corpo, alfabetizada. Ela batalha e quer fugir dos estigmas do estereótipo de mulher fatal, analfabeta, que usa seus dotes para se dar bem. "Na verdade, ela quer se reinventar, mas sem negar suas origens ciganas. O cigano é um povo marginal no mundo inteiro e ela toma a frente como porta-voz dos marginalizados, que a sociedade pinta com cores fortes".

Escrever a dramaturgia não foi fácil, segundo Fabio, porque é bastante baseada em depoimentos. "É a Carmen analisando a própria história, sendo crítica com José (seu amante e assassino): quem é esse homem machista que acha que foi enfeitiçado? Ela diz que o amor só enfeitiça quem quer ser enfeitiçado. O feitiço estava no outro, não nela. Tive de fazer essa dramaturgia pesquisando a novela de Mèrimée e a ópera de Bizet", conta.

Para entender essa cigana mítica, símbolo de mulher fatal e, na ópera, retratada até com tintas ainda mais fortes do que na novela, Fabio teve de estudar muito a personagem. "Na umbanda, existe uma entidade que se chama Carmen, protetora dos amantes. Fui entender a história dessa pessoa mítica e fui buscar também a história de Cervantes, porque a peça trata do Cervantes como homem", diz ele.

Semelhanças

O dramaturgo encontrou vários elos entre Carmem e Cervantes. Por exemplo, a personagem, na novela, fere a rival numa fábrica de charutos. Cervantes também feriu um homem, e foi obrigado a fugir. Além disso, os dois foram presos algumas vezes por causa de dívidas. "Fiz essas conexões e cheguei a um ponto em que concluí que, para o Cervantes, reescrever a Carmen também é se reinventar. Cervantes vê naquela mulher quase o espelho dele, o espelho feminino dele – e que é possível ser novo. A princípio, ele nega o pedido de Carmem, com a alegação de que está velho, mas é convencido pela força da mulher", conta, acrescentando que a peça trata de um problema que todos têm, que é o de se reinventar diariamente, de se fazer novo e de outra forma.

Sutilezas

O flamenco foi a linha de construção do espetáculo, mas não abertamente. "Não se dança o flamenco, mas ele está lá. A própria peça pede isso: a gente imagina a Espanha, o flamenco, a cigana, o Cervantes. Tentamos sair um pouco dessa forma, mas não está muito na cara, está na pulsação".

Be Careful, It's My Heart

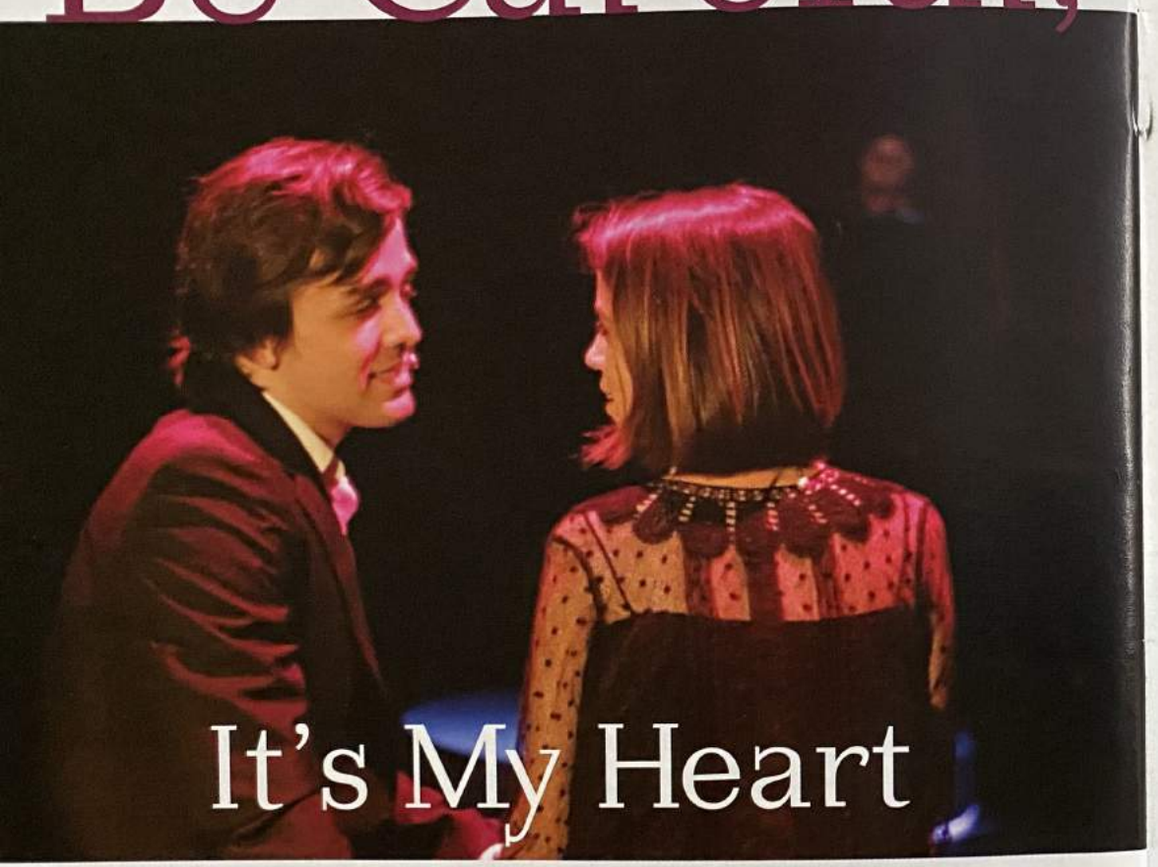


FOTO: DIVULGAÇÃO

No Teatro Maria Clara Machado, musical traz canções de Irving Berlin interpretadas por Darwin Del Fabro e Laura Lobo

Um dos maiores compositores americanos do século 20, autor de trilhas famosas para filmes e peças da Broadway, o trabalho de Irving Berlin marca presença no Rio de Janeiro.

Parte de seu repertório, incluindo *Cheek to Cheek*, *Alexander's Ragtime Band*, *Blue Skies* e *Puttin' On the Ritz*, está no musical *Be Careful, It's My Heart – com canções de Irving Berlin*, que ocupa o Teatro Maria Clara Machado.

Acompanhados por um piano e um violoncelo, Darwin Del Fabro e Laura Lobo interpretam em inglês, apenas com canções de Berlin, a história de um casal jovem que começa com uma pequena rixa, depois se apaixona e, como no melhor conto de fadas, vive feliz para sempre.

Tempo recorde

A ideia de trazer a peça para o Brasil foi de Darwin, depois de assistir em Nova York, onde morou por dois anos, a um show do cantor Michael Feinstein, famoso por gravar compositores americanos, como Cole Porter, irmãos Gershwin e Berlin. Foi lá que ele escutou pela primeira vez *Be Careful, It's My Heart* e se apaixonou peça canção. Pesquisou, então, todo o repertório de Irving Berlin e descobriu várias músicas que conhecia, mas não sabia que eram do compositor. "Em três dias, eu tinha o espetáculo todo na minha cabeça. Escolhi o repertório e montei a dramaturgia. De volta ao Rio, e com a dificuldade de fazer qualquer coisa sem patrocínio, chamei a Laura Lobo, o pianista Thales Rodrigues e o Beto Serrador para a direção musical". Tudo isso aconteceu há pouco mais de quatro meses. No dia 1º. de julho, o musical estava pronto.

Primeiro encontro

É também a primeira vez que Darwin trabalha com Laura Lobo. "Assisti o musical *A Família Adams* e fiquei encantado com ela. Não nos conhecíamos. Liguei para ela, apresentei o projeto, cantei quatro músicas e ela topou. E está sendo maravilhoso", conta. Para Darwin, Laura tem as três coisas que ele considera fundamentais para uma atriz: ela canta, dança e atua.

A História de Darwin

Ainda pouco conhecido do público carioca, Darwin Del Fabro se prepara para estrear em uma minissérie da Rede Globo, mas diz que ainda não está autorizado a falar sobre o trabalho.

Apesar de ter apenas 21 anos, ele sabe o que quer. Nascido em Santa Maria (RS), sempre acompanhou os pais – donos de uma cadeia de restaurantes – pelo mundo. Desde os 14 anos, viaja e mora sozinho. O canto sempre fez parte de sua vida. "Nasci cantor", diz.

Com 16 anos, veio também sozinho para o Rio de Janeiro. Na época, fez um teste para o musical *Nos Tempos do Rei*, baseado no livro de Rui Castro. Passou. A seguir, trabalhou em *O Violinista no Telhado*, *O Mágico de Oz* e *Shrek*, tendo dirigido também o show de Vera Canto e Mello, *The American Song Book*, no Theatro Net. Logo depois foi para Nova York, onde passou dois anos estudando canto e assistindo musicais. Chegou até a fazer shows solo por lá.

Teatro infantil

Três peças para a galerinha,
mas os adultos também irão se divertir!

Cinderela

Pouco mais de um ano após morte de José Wilker, o Teatro Ipanema, onde ele interpretou alguns dos maiores sucessos de sua carreira, volta a ser palco de uma história sua, *Cinderela*, grande sucesso infantil encenada pela primeira vez há 21 anos.

A versão de Wilker para esse grande clássico tem Luisa Thiré na direção, que há duas décadas interpretou uma das filhas da madrasta. O elenco conta com Anna Rita Cerqueira, Bernardo Mesquita, Vitor Thiré (filho de Luísa) e outros jovens artistas.

Na adaptação de Wilker, um rato, uma gata e um cachorro encontram um livro no lixo e, magicamente, recebem de uma fada madrinha o dom de ler. E aí eles mergulham na história de Cinderela, tudo com muita música, dança, humor e alegria!

Teatro Ipanema. Rua Prudente de Morais, 824. Tel.: 2267-3750. Sábado e domingo, 17h. R$ 40 (inteira) e R$ 20 (meia). 70 minutos.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

As Aventuras do Menino Iogue

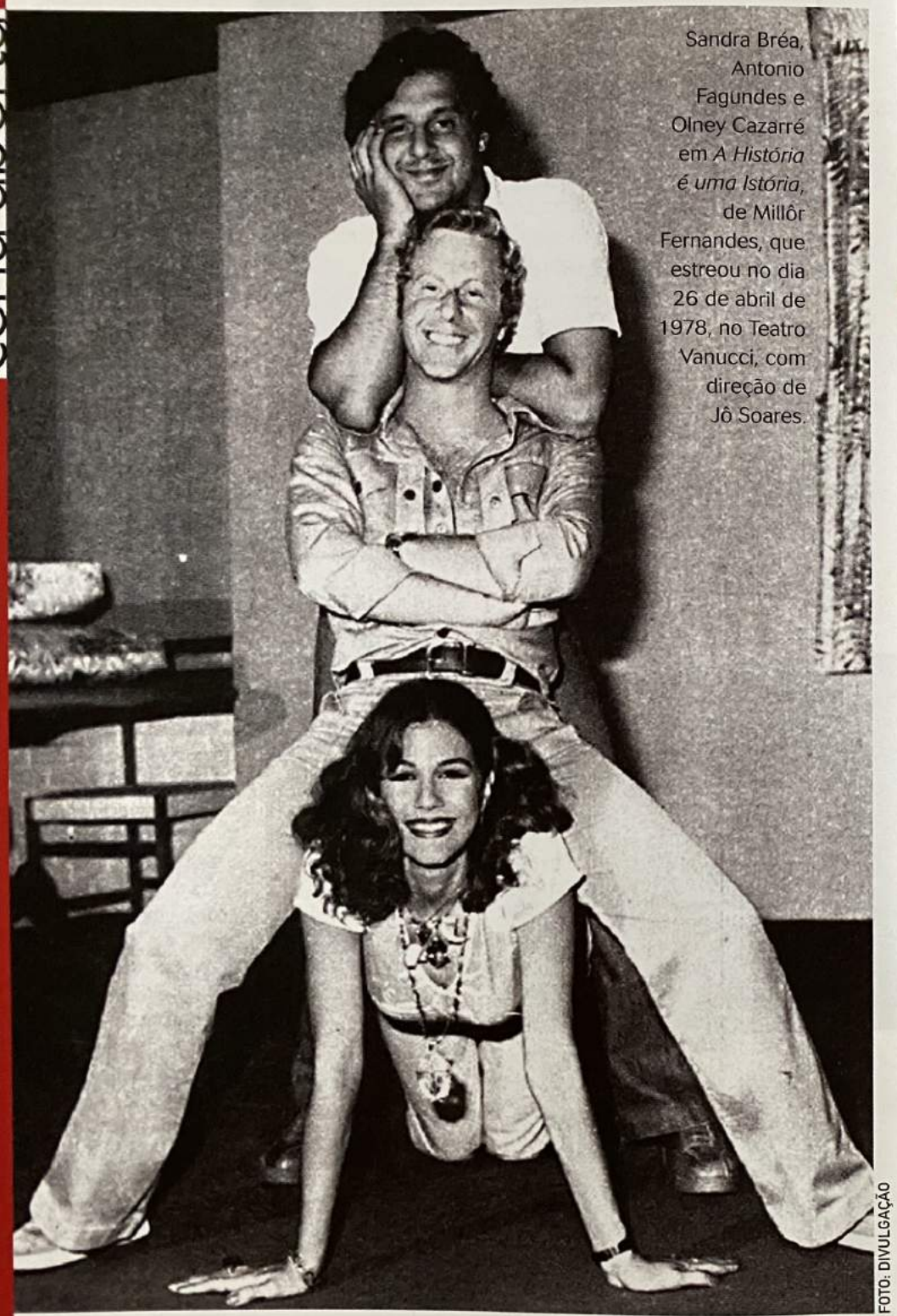
Enquanto vive a história dramática de *Ensina-me a Viver*, ao lado de Gloria Menezes, Arlindo Lopes diverte-se com sua primeira peça infantil como diretor, ao lado de Juliana Terra. *As Aventuras do Menino Iogue*, com texto baseado no livro homônimo de Antonio Tigre, conta as peripécias de Shridhara, jovem príncipe indiano que recebe um chamado de um homem mágico. A partir daí, ele é guiado por um passarinho azul numa jornada rumo à montanha sagrada dos Himalaias. O personagem é representado por um boneco articulado, do tamanho de uma criança.

Espaço Tom Jobim, Galpão das Artes. Rua Jardim Botânico, 1008. Tel.: 2274-7012. Sábado e Domingo, 16h. R$ 50 (inteira) e R$ 25 (meia). 55 minutos.

Centro Cultural da Justiça Federal. Avenida Rio Branco, 241. Tel.: 3261-2550. Sábado e domingo, 16h. R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia). 55 minutos.

Juvenal, Pita e o Velocípede

Neste monólogo, o ator Eduardo Almeida resgata suas próprias lembranças da infância para contar as aventuras do menino Juvenal, que conhece uma garotinha chamada Pita e, com ela, passa por grandes aventuras a bordo de seu velocípede. A peça é uma criação da Pandorga Companhia de Teatro, com dramaturgia de Cleiton Echeveste. Cadu Cinelli assina a direção. A obra *Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo*, de William Joyce, também foi fonte para a história.



Sandra Bréa, Antonio Fagundes e Olney Cazarré em *A História é uma Istória*, de Millôr Fernandes, que estreou no dia 26 de abril de 1978, no Teatro Vanucci, com direção de Jô Soares.

FOTO: DIVULGAÇÃO

FORMAÇÕES GRATUITAS
PARA JOVENS ENTRE 17 E 29 ANOS

SETOR DA INDÚSTRIA PETRÓLEO E GÁS
Curso de serralheria, solda e alpinismo industrial

SETOR DE SERVIÇOS DE SEGURANÇA
Curso de instalador de sistema eletrônico de segurança

SETOR DE LOGÍSTICA
Curso de auxiliar operacional, conferente, assistente de qualidade e operador de empilhadeira

SETOR ARTÍSTICO
Curso de teatro, circo, dança, música e artes plásticas

Garanta sua vaga no mercado de trabalho!

Aulas de 2ª a 5ª (manhã, tarde e noite)
Auxílio transporte e Alimentação

GALPÃO APLAUSO

GALPÃO APLAUSO
Rua General Luis Mendes de Moraes, 50
Santo Cristo (Próx. a Rodoviária Novo Rio)
Mais Informações: 2233-6648

A energia da Light também está no Android.

/lightclientes @lightclientes

A Light aposta em tecnologia e você ganha mais rapidez, eficiência e praticidade.

Baixe gratuitamente o **Light Clientes** no **Google Play**, tenha toda a conveniência dos serviços Light nas suas mãos e seja atendido quando e onde precisar. O aplicativo também está disponível na **Apple Store** e na **Windows Phone Store**.

DISPONÍVEL NO Google play

www.light.com.br

Light
CONECTADA A VOCÊ